

EDITORIAL

O mundo vive um momento muito difícil e triste em sua história. Estamos diante de uma complexa pandemia de COVID-19 que tem revelado-nos o verdadeiro rosto egoísta de um sistema ao qual estamos submetidos e que não somente nos explora, mas vai até o limite dessa exploração em suas duas bases: o homem e a natureza. A desnaturalização do homem e a desumanização da natureza, fruto da modernidade, talvez tenha sido um gatilho para esse desastre que estamos assistindo e que ainda não sabemos como lidar. A pandemia nos des-velou um cenário de tempestade onde todos e todas estamos a enfrentando, porém enfrentamo-la de barcos diferentes, e alguns estão sem um barco sequer. O Brasil já passou das 120 mil mortes por COVID-19. É lamentável que isso esteja ocorrendo

Apesar desse momento triste da pandemia e seus efeitos, é com profunda alegria e espírito filosófico que a Revista *Trilhas Filosóficas* inicia mais um ciclo de publicações. Temos o orgulho de abrir o ano de 2020, em seu volume 13, número 1, com este *Dossiê Filosofia e Mística*. Neste número inauguramos o novo *modus operandi* da revista, a saber: publicaremos os fluxos contínuos dentro de dossiês. Todos os números, a partir deste, serão organizados por meio de dossiês, porém, terão a seção de fluxo contínuo anexada aos mesmos, no intuito de garantir as publicações de artigos que forem submetidos e, após avaliação duplo-cega, devidamente aprovados. Este número está dividido, pois, em três seções, a saber: seção de artigos do Dossiê, seção de traduções e seção de artigos de Fluxo Contínuos. Esperamos que o leitor possa fazer um mergulho profundo, quiçá uma experiência de si, no pensamento místico-filosófico. Aqui, nesse editorial, tomamos o termo mística como um movimento transcendental que é próprio do homem, é uma dimensão de seu ser. Cada artigo com muito esmero e fineza tenta apresentar muito mais do que simples caminhos conjecturais, apresenta modos de vida que nascem a partir da filosofia.

Para abrir este número, na seção dos artigos do Dossiê, apresentamos o título *História da mística e modernidade do Sublime* de **Eduardo Guerreiro Brito Losso**. Nesse artigo o autor traz a arquitetônica filosófica do conceito de mística a partir dos vários tipos de teologia mística e estética do sublime. É, de fato, um mergulho para além do sentido gramatical do termo mística, é uma ida ao fundo da alma e lá fazer uma experiência do sublime ao longo da história medieval, bem como da história moderna. Nosso segundo artigo é *Hildegard von Bigen e Elisabeth von Schönau: a correspondência (Cartas 201-201r) entre duas místicas visionárias do Séc XII* produzido em co-autoria por **Ana Rachel Gondim Cabral de Vasconcelos** e **Maria Simone Marinho Nogueira**. Neste artigo, as autoras a partir de cartas trocadas entre Hildegard von Bingen (1098-1179) e Elisabeth von Schönau (1129-1164) apresentam a relação de amizade entre ambas, bem como mostram a influência da Sibila do Reno sobre a Elisabeth e delimitam algumas das suas diferenças, inclusive no que se refere à mística. O terceiro texto é de **Alexia Schmitt**. Com o título *La mística del Cusano: coincidencias y diferencias con el pensamiento de San Agustín* a autora apresenta-nos três grandes coincidências entre a mística de Nicolau de Cusa e o pensamento de Agostinho. A primeira é que antes do momento místico é necessário preparar-se para conhecer o que se busca amar. A segunda é sobre a infinitude divina, e sua incompreensibilidade que culmina com uma douta ignorância. Ao passo que a autora verifica que ao aprofundar o significado de incompreensibilidade divina e douta ignorância em cada um destes pensadores, veremos que eles adquirem alcances diferentes. A terceira e última coincidência é que para ambos sem o amor não se alcança a posse perfeita nem a assimilação ao exemplar, isto é, tanto o conhecimento como o amor são necessários para alcançar a verdadeira união com Deus. Na sequência, o quarto artigo é de **Enio Giachinni**, sob o título *Sem imagem, sem mediação, sem comparação – uma abertura para dentro do pensamento de Eckhart*. O título é uma proposta de comentário a três sermões de Mestre Eckart com o intuito de conduzir o leitor a percorrer a trilha do pensamento eckhartiano. Nesse sentido, o autor nos propõe pensar a partir

EDITORIAL

de Eckhart a alma humana como imagem (Bild) do protótipo originário (Urbild), Deus, bem como essa mesma alma como semelhança, que precisa ser trabalhada para unificar-se com seu criador. Em seguida, temos o artigo *A alegria do desprendimento em Mestre Eckhart* de **Saulo Matias Dourado**. Neste texto à luz da analogia de que se Deus for bondade, caberia ao homem ser maximamente bom e se Deus for justiça, caberia ao homem ser maximamente justo, o autor busca aprofundar e problematizar a ausência de determinação da natureza humana, bem como o tornar-se maximamente desprendido (*Abgeschiedenheit*) de ser, assim como Deus o é, já que o mesmo não o pode ser definido, dada a sua anterioridade às coisas. Nosso sexto artigo é de **Claudia D'Amico** com o título *Distinción e indistinción del ejemplar y la imagen: Eckhart y Cusano*. A autora aborda a controvérsia entre Wenck e Nicolau de Cusa. Este sendo acusado por aquele de cometer os mesmos erros que algumas doutrinas condenadas, de modo particular a de Mestre Eckhart. Nesse sentido, D'Amico destaca especialmente a objeção que aparece como “quarta conclusão” que atende ao tema da identidade entre o exemplar e a imagem e as relativas consequências à possibilidade de divinização da alma. A partir disto, explica a noção de imagem em Eckhart a fim de traçar alguns vínculos de semelhança e diferença com o apresentado pelo Cusano no escrito questionado e consequentemente extrair algumas conclusões acerca da consideração do objeto. O sétimo artigo está sob o título de *Fiat lux. Anima del mondo, natura e creazione nell'opera di Nicola Cusano* de autoria de **Andrea Fiamma**. Neste texto, o autor mostra a reelaboração dos lineamentos da doutrina filosófica de Platão e Aristóteles feito por Nicolau de Cusa, no sentido de aprofundar como Cusano redefine o conceito platônico de alma do mundo e aquele aristotélico de natureza com o intuito de apresentar uma metafísica da criação que não rejeite a filosofia antiga, mas que a leve à perfeição numa nova síntese cristã. O oitavo texto é por conta de **Klédson Tiago Alves de Souza** (este que vos escreve), que sob o título *A mística especulativa a partir da metáfora do olhar em De visione dei de Nicolau de Cusa (1401-1464)* busca discutir acerca da experiência místico-especulativa que Nicolau de Cusa (1401-1464) propõe aos monges de Tegernsee para os conduzir à “sagrada obscuridade” ou “teologia mística”, e assim dentro do âmbito da filosofia de Nicolau de Cusa, o autor mostra a via reflexiva que parte da experiência da finitude até a mais alta e profunda especulação que o homem pode vir a fazer: contemplar o divino. No nono, **Andrea Paul** com o título *El valor de la experiencia mística en el pensamiento de Marsilio Ficino* busca desenvolver o problema do amor e da mística no pensamento de Marsilio Ficino fazendo um percurso pelas suas principais teorias: sua cosmologia e sua concepção sobre a natureza humana, sua teoria sobre a *prisca theologia*, vinculada à sua defesa de uma *pia philosophia* e, por último, o furor divino e a melancolia em sintonia com a experiência mística. A autora desenvolve também o significado do amor em relação com a beleza, compreendendo que o amor não é outra coisa que desejo de beleza e a beleza, por sua vez, não é outra coisa que o esplendor da bondade divina. Assim sendo, segundo a autora, será possível avaliar até que ponto em cada uma das teorias mencionadas, encontra-se relação com a contemplação e a via mística dirigida até o conhecimento da divindade. Feito esse percurso, será possível por fim, examinar o papel que o misticismo desempenha no pensamento de Marsilio Ficino. O décimo artigo, da primeira seção, cujo o título é *Libre albedrío, libertad cristiana y misticismo en el pensamiento temprano de Martín Lutero* de autoria de **Paula Pico Estrada**; investiga, por sua vez, a presença das noções de livre arbítrio e de liberdade agostinianas em duas obras de Lutero, em relação ao seu constante interesse por um trabalho anônimo de mística, *Teologia germánica*. Com este fim se analisa a *Cuestión disputada acerca de la fuerza y de la voluntad del hombre sin la gracia* de 1516, (2) se mostra que a questão supõe a distinção agostiniana entre livre arbítrio e liberdade; (3) se apresenta a noção de liberdade própria da *Teologia germánica* e (4) se determina-se a presença da dita noção em *La libertad del cristiano* (1520). No décimo primeiro texto, **Rildo da Luz Ferreira**, sob o título *Henri Bergson e a descoberta do misticismo como método em filosofia*, pretende mostrar como, ao final da obra e da vida de Bergson, a temática religiosa surge como campo privilegiado para a realização e a compreensão da totalidade e da essência do projeto refundador da filosofia. O autor preocupa-

EDITORIAL

se também com a indagação bergsoniana acerca da morte da religião como agente ativo no diálogo intelectual ocidental.

Na seção de tradução, temos a obra *Quem és tu? O princípio* de Nicolau de Cusa (1041-1464) datada de 1459, de domínio público. A obra foi traduzida por **José Teixeira Neto, William Davidans Sversutti e Klédson Tiago Alves de Souza**. Ainda nessa seção, contamos com a tradução do artigo *Na origem da imperscrutabilidade do princípio: Plotino e Agostinho* de Giovanni Catapano. A obra está publicada originalmente na *Endoxa – Prospettive sul presente*, n. 23, pp. 45-51, jan. 2020. Quem assina a tradução, com a devida autorização do autor, é **Fabrizio Klain Cristofolletti**.

Na seção de artigos de Fluxo Contínuo, contamos com o artigo *Escrita do Eu e inscrição narcísica em Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus de **Jacqueline Oliveira Leão**. A autora se propõe travar um diálogo entre Literatura e Psicanálise, por meio da obra ficcional, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. O recorte que foi dado à análise centra-se, sobretudo, nas questões teórico-literárias que se acercam da escrita do eu, especificamente, dos escritos nomeados por diário e autobiografia, e o desdobramento da leitura de tais produções na perspectiva psicanalítica, mais precisamente sobre a esteira teórica de Sigmund Freud. Logo após, os autores **Rodolfo Rodrigues Medeiros e Galileu Galilei Medeiros de Souza** apresentam, no artigo *Arendt, Voegelin e a análise sobre os movimentos totalitários: diferentes pressupostos filosóficos*, de forma profunda e extensa algumas das características da perspectiva filosófica de Hannah Arendt e Eric Voegelin bem como de algumas das suas reflexões a respeito dos elementos que colaboraram para o advento dos movimentos totalitários. O desenvolvimento desse objetivo se dá a partir do esforço em responder duas questões. A primeira “quais as características da atividade filosófica de acordo com as visões de Arendt e de Voegelin?” e a segunda é “quais fatores contribuíram para o surgimento e ascensão dos regimes totalitários na Europa do século XX?”. E, para encerrar de forma magistral este grandioso e potente (cheio de vida, cheio de vontade de viver e transcender) número, temos o texto *A filosofia e seu ensino* de **Gilvan Fogel**. O texto foi originalmente escrito para a Aula Magna de abertura do semestre 2020.1 do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó, que ocorreu no dia 09/09/2020. Este texto apresenta a filosofia como um bálsamo ao existir. O objetivo de Fogel é conduzir ou convidar o leitor/ouvinte a um percurso possível da filosofia como compreensão de realidade enquanto fundamento. Filosofia como gênese, como aquela que sempre nasce e é a fonte própria desse nascimento, e isso não é coisa banal, mas é de fato, um acontecimento. Ao passo que faz o leitor pré-saborear dos sentidos filosóficos presente em seu texto, Fogel apresenta o caminho prático do ensino dessa delícia que é a filosofia: ler os textos dos filósofos. Com efeito, ensinar filosofia não é fazer da aula historiografia, catalogação de dados e informações, mas, antes, o professor deve possibilitar ao estudante o mesmo espírito com que os filósofos escreveram os textos filosóficos. Aula de filosofia não é outra coisa que realizar a leitura dos textos dos próprios filósofos meditativamente, com lentidão e vagar, deixando de lado, ou lendo pouco a bibliografia secundária ou comentadores.

Parafraseando o general romano Pompeu que no século I a.e.c. encorajava seus marinheiros com a expressão: “*Navigare necesse, vivere non est necesse*”, digo: “Filosofar é necessário, viver não é necessário”. Posto tudo isso, desejo a você leitor ou leitora da *Trilhas Filosóficas* a possibilidade de um engajamento profundo nos excelentes textos presentes nesse número; sejam-lhe um símbolo de provocação.

Prof. Me. Klédson Tiago Alves de Souza (FCST)
Editor Auxiliar da revista Trilhas Filosóficas
Coordenador do Dossiê Filosofia e Mística